
ALONSO E QUIXOTE NO PARADIGMA DA LOUCURA: A HISTÓRIA E A FICÇÃO

Elenyr Cavadas¹
Aline Coelho da Silva²

Resumo: Uma paródia às histórias cavalleirescas de sua época (séc. XVII), *Don Quijote de La Mancha* (1605/1615), de Cervantes, apresenta uma ruptura na representação dos livros de cavalaria. Por mais de quatro séculos, a grandiosa utopia quixotesca vem sendo analisada em suas diferentes peculiaridades. Toda essa riqueza literária possibilita, até hoje, diversas vias de análise e reflexão. Autor, obra, personagens e, principalmente, o tema “loucura” são pontos intrigantes às críticas e análises literárias, às releituras e intertextualidades. No decorrer dos séculos, a loucura foi conceituada dentre os mais distintos aspectos, entretanto, todos eles tiveram como ponto comum a exclusão social. Visando entender o contexto sob o qual se deu a criação de Cervantes, buscou-se retomar, através dos estudos de Foucault (1997), as diferentes formas com que a sociedade, entre os séculos XV e XVII, concebia e tratava a loucura. É em meio a esse contexto que Cervantes, no início do século XVII, escreve “Don Quixote de La Mancha”. O romance traz como tema central a loucura das utópicas aventuras de um Cavaleiro andante, herói que surgiu do imaginário literário do nobre fidalgo Alonso que, de pouco dormir e muito ler histórias de cavalaria, perdeu o juízo e personificou a Quixote. Nessa relação, os personagens se entrelaçam e se confundem. Precisar a fronteira entre Alonso e Quixote, ou até mesmo onde ambos se mesclam e interagem em cumplicidade, continua sendo uma tarefa com inúmeras possibilidades de reflexão. Com o intuito de traçar um paralelo entre ficção e realidade sobre a criação literária de Alonso e Quixote, buscou-se ainda investigar o trabalho de Huarte de San Juan, no qual Szirko (1996) afirma ser “notória a influência de Huarte na elaboração do perfil psicológico do fidalgo”. Embasada nessa contextura histórico-social, a presente pesquisa aborda as análises críticas literárias dos autores Auerbach (1946), Bloom (1994), Buxó (2008) e Unamuno (apud Harold Bloom, 1994), sobre as questões que envolvem tanto a loucura como a relação de coexistência entre esses personagens protagonistas.

Palavras-chave: Cervantes, Quixote, loucura, coexistência.

Resumen: Una parodia a las historias caballerescas de su época (s. XVII), *Don Quijote de La Mancha* (1605/1615), de Cervantes, representa una ruptura en la representación de los libros de caballería. Por más de cuatro siglos, la grandiosa utopía quijotesca sigue siendo analizada en sus diferentes peculiaridades. Toda esa riqueza literaria posibilita, hasta hoy, diversas vías de análisis y reflexión. Autor, obra,

1 Acadêmica do Curso de Letras Português e Espanhol do Centro de Letras e Comunicação da Universidade Federal de Pelotas. E-mail: Elenyr.c@hotmail.com

2 Professora do Centro de Letras e Comunicação da Faculdade Federal de Pelotas. E-mail: silva.aline.coelho@gmail.com

personajes y, principalmente, el tema “locura” son puntos intrigantes a críticas y análisis literarios, a relecturas e intertextualidades. A lo largo de los siglos, la locura fue conceptualizada entre los más distintos aspectos, entretanto, todos tuvieron como punto común la exclusión social. Buscando comprender el contexto en el que se ha hecho la creación de Cervantes, se retomó, a través de los estudios de Foucault (1997), las diferentes formas con las que la sociedad, entre los siglos XV e XVII, concebía y trataba la locura. En este contexto es que Cervantes, al comienzo del siglo XVII, escribe “Don Quijote de La Mancha”. La novela trae como tema central la locura de las utópicas aventuras de un Caballero andante, héroe que surgió del imaginario literario del noble hidalgo Alonso que, de poco dormir y mucho leer historias de caballería, perdió el juicio y personificó a Quijote. En esta relación, los personajes se entrelazan y se confunden. Precisar la frontera entre Alonso y Quijote o donde ambos se mesclan e interaccionan en complicidad, sigue siendo una tarea con inúmeras posibilidades de reflexión. Con el intuito de trazar un paralelo entre la ficción y la realidad sobre la creación literaria de Alonso y Quijote, se buscó aún investigar el trabajo de Huarte de San Juan, en lo cual Szirko (1996) afirma ser “notoria la influencia de Huarte en la elaboración del perfil psicológico del hidalgo”. Bajo esta contextura histórico-social, la presente investigación aborda los análisis críticos literarios de los autores Auerbach (1946), Bloom (1994), Buxó (2008) y Unamuno (apud Harold Bloom, 1994), a cerca de las cuestiones que envuelve tanto la locura como la relación de coexistencia entre los personajes protagonistas.

Palabras-clave: Cervantes, Quijote, locura, coexistencia.

“É uma grande sabedoria saber ser louco no momento certo. Julgai, portanto, vós mesmos a excelência que deve ter a loucura...” Erasmo de Rotterdam (1509)

INTRODUÇÃO

Há mais de 400 anos, a grandiosa utopia quixotesca vem sendo analisada em suas diferentes peculiaridades. Toda sua representatividade, desde seus aspectos morais, sociais, psicológicos e ideológicos, bem como as dualidades dos diferentes pontos determinantes entre realidade e ficção. Autor, obra, personagens e, principalmente, o tema “loucura” são pontos intrigantes às críticas e análises literárias, às releituras e às intertextualidades.

Tendo em vista seu caráter histórico-social, o universo literário cervantino deve ser analisado dentro das perspectivas, das especificidades e dos diversos sentidos representativos de sua época. Assim, Buxó (2008) aponta a necessidade de retomarem-se os conceitos de loucura, nos séculos XVI e XVII, para um melhor entendimento das ideias que fundamentavam a criação artística de Cervantes em Don Quixote³, obra que se consagrou como o ícone do romance moderno.

No decorrer dos séculos, a loucura foi conceituada dentre os mais distintos aspectos, entretanto, todos eles tiveram como ponto comum a exclusão social. Foucault (1997), em seu livro “História da Loucura na Idade Clássica”, afirma que a Idade Média foi marcada pela lepra; até o final das Cruzadas, os leprosários se multiplicaram por toda a Europa. A Igreja via a doença como algo não humano, os leprosos seriam como a manifestação da cólera e da bondade de Deus, na qual, através dessa doença, a punição dos pecadores levaria

3 “Don Quijote de La Mancha”, Edición del IV Centenario, publicado em 2004 pela Real Academia Espanhola.

a salvação de suas almas. Assim, para a Igreja, o abandono e a exclusão seriam outra forma de comunhão: “o pecador que abandona o leproso à sua porta está, com esse gesto, abrindo-lhe as portas da salvação” (p.6). Ao final desse século, a lepra foi substituída pelas doenças venéreas:

Desaparecida a lepra, apagado (ou quase) o leproso da memória, essas estruturas permanecerão. Frequentemente nos mesmos locais, os jogos da exclusão serão retomados, estranhamente semelhantes aos primeiros, dois ou três séculos mais tarde. Pobres, vagabundos, presidiários e “cabeças alienadas” assumirão o papel abandonado pelo lazarento... (FOUCAULT, 1997, p.6)

Segundo Foucault (1997), no século XV, além das doenças venéreas, a loucura também teve seu lugar de destaque. Assim, na primeira metade desse século, a forma que a sociedade encontrou para se livrar de seus loucos era entregando-os a barqueiros que os levavam de uma cidade para outra. Essas embarcações ficaram conhecidas como *A Nau dos Loucos* (FOUCAULT, 1997, p.9). Na segunda metade desse século, a loucura é vista então como algo místico e passa a ser objeto de preocupação social, continuam as práticas de internamento e exclusão, todas as pessoas que estavam fora de um padrão de comportamento social eram consideradas loucas. Era uma época de profunda crise religiosa e social na qual até mesmo alguns loucos, por vezes, eram considerados demoníacos e queimados na fogueira da Inquisição.

No século XVI, a loucura e a razão passaram a ser entendidas de modo correlacionado, ou seja, “a loucura só passa a ter sentido dentro da própria razão”. Considerado pelo autor como o século da *Não-Razão* – “Nunca se tem a certeza de não estar sonhando, nunca existe uma certeza de não ser louco.” (FOUCAULT, 1997, p.47).

A loucura e a razão entram numa relação eternamente reversível que faz com que toda loucura tenha sua razão que a julga e controla, e toda razão sua loucura na qual ela encontra sua verdadeira irrisória. Cada uma é a medida da outra, e nesse movimento de referência recíproca elas se recusam, mas uma fundamenta a outra. (FOUCAULT, 1997, p.30)

Só a partir desse século é que as doenças venéreas passaram a ser vistas como uma doença que exigia tratamento. Já a literatura, no fim desse e começo do século seguinte, esteve muito presente: “uma arte que, em seu esforço por dominar a razão que se procura, reconhece a presença da loucura, de sua loucura, cerca-a e avança sobre ela para, finalmente, triunfar...” (p.36).

Já no século XVII, época em que a imaginação médica atribuía poderes maléficos ao calor, o autor aponta que a loucura se destaca tendo um papel ambíguo: o de ameaça e de zombaria; porém, do mesmo modo, é estigmatizada e condenada a exclusão: “A loucura foi colocada fora do domínio no qual o sujeito detém seus direitos à vontade: domínio este que, para o pensamento clássico, é a própria razão. Doravante, a loucura está exilada.” (p.47).

De acordo com Foucault (1997), em “A Ordem do Discurso”, naquele século houve

também outro *princípio de exclusão*, o da palavra do louco - Mantidos afastados da sociedade, os loucos tinham seu *discurso silenciado* – Desde a Idade Média, “o louco é aquele cujo discurso não pode circular como o dos outros” (p.11). Além de outros motivos, aponta o autor, no discurso do louco poderia “se decifrar uma razão ingênua ou astuciosa, uma razão mais razoável do que a das pessoas razoáveis” (p.11).

Anterior a Cervantes, o tema “loucura” foi abordado por Erasmo de Rotterdam, em 1508, em seu famoso ensaio *Elogio da Loucura*, no qual a loucura, como narrador protagonista, reflete sobre si e enaltece sua influência na vida dos homens – “depois de ter louvado o meu poder e o meu engenho, que diríeis se me ocorresse fazer também o elogio de minha prudência?” (p.39) – Através de Rotterdam⁴ (século XVI) a “Loucura” teve o privilégio de impor sua voz, e de forma irônica, enaltecer sua própria existência.

Se é com razão que disseram: Ser deus é fazer bem aos homens; se é com justiça que colocaram entre os Imortais os que inventaram o trigo, o vinho, ou que propiciaram a seus semelhantes uma vantagem dessa espécie, não devo eu ser vista como a maior de todas as divindades, eu que espalho sobre os mortais todas as vantagens e todos os benefícios? (p.18). A vida mais agradável é a que transcorre sem nenhuma espécie de sabedoria (p.20). (ROTTERDAM, 2003)

Em seu monólogo, a *Loucura* mostra como está presente em todos os momentos de vida do homem e todo o benefício e satisfação que lhe proporciona. Mostra-se atuante na relação do homem consigo mesmo, com os seus próprios sentimentos: em suas alegrias, ilusões, conflitos, fraquezas, ... Diz a loucura: “Mas é pouco ter-vos demonstrado que é de mim que procede o princípio e o começo da vida; irei vos mostrar agora que todas as vantagens, todas as satisfações dessa vida são outros tantos presentes que deveis à minha beneficência.” (ROTTERDAM, 2003, p.19).

Rotterdam, em tom de brincadeira, caracteriza concepções socioculturais de seu tempo (séc. XVI). O autor se vale da personificação e voz da *Loucura* para falar sobre a ostentação em que vive o clérigo: “Mas os príncipes não são os únicos que levam essa vida agradável: os papas, os cardeais e os bispos vêm há muito se esforçando para imitá-los, e pode-se dizer que conseguiram superá-los” (p.102). E ironiza:

“Os papas, que são os vigários de Jesus Cristo na terra, não levariam também a vida mais triste e desagradável, se resolvessem seguir as pegadas do divino Salvador? Se procurassem imitar sua pobreza, seus trabalhos, sua doutrina, seus sofrimentos e seu desprezo pelas coisas deste mundo?” (ROTTERDAM, 2003, p.103).

É em meio ao contexto histórico que antecede e vigora no início século XVII, que Cervantes escreve, em 1605, seu grandioso romance “Don Quixote de La Mancha”, no qual,

4 Erasmo de Rotterdam (1465- 1536) foi um teólogo e um humanista neerlandês. O “Elogio da Loucura” (Encomium Moriae) foi publicado em Paris, em 1509. É uma sátira extraordinariamente interessante, na qual os potentados da época e, sobretudo, os homens da Igreja são impiedosamente escarpelados pela ironia incomparável do grande escritor. Visto em: <http://ebookbrowse.com/erasmo-de-rotterdam-elogio-da-loucura-pdf-d287904753> (em 01/03/13).

decorrendo sobre o tema da “loucura”, abarca ainda diversas outras temáticas como o idealismo, o amor, a amizade, etc. – Ao longo de mais de quatro séculos, até a atualidade, esta é uma das mais intrigantes, discutidas e investigadas obras literárias.

Quase um século depois de Rotterdam, Cervantes também escreve sobre o mesmo tema. E já de início, apontando as causas que levaram Quixote ao estado de loucura, afirma que Alonso, aficionado por novelas de cavalaria, vende grande parte de sua propriedade para comprar cada vez mais livros. Tanto era seu afeto e gosto por esta leitura, que passava noites em claro e os dias em turnos; assim, “de pouco dormir e muito ler, lhe secou o cérebro e consumiu todo o seu juízo”. Quixote abandona a razão, recria sua identidade e busca viver seu sonho em desvario.

Essa chamada “loucura” de Quixote poderia ser apenas o abandono de uma condição que não lhe satisfaz. Partindo desse princípio, Quixote não seria um louco, mas apenas estaria se excluindo, conscientemente, de uma realidade que não lhe agrada e na qual ele não quer viver.

Essa hipótese de “não loucura” poderia ser pautada no modo de como o protagonista cria as suas ilusões, ou seja, elas surgem a partir de um referencial concreto. Quixote depende do que é real para, só então, transformá-lo naquilo que desejaria ver: os gigantes só surgiram a partir da visualização dos moinhos; para os castelos, sempre existiam as vendas ou outros estabelecimentos... Enfim, Alonso (enquanto Quixote) necessitava sempre de manter um elo com a realidade. Sob essa perspectiva, pode-se pensar que o eixo que movimenta e mantém os devaneios de Alonso/Quixote está intrínseco no paralelismo de realidade-ficção.

Entretanto, Auerbach (2011) aponta, em seu célebre “A Dulcineia Encantada”, que o auge da ilusão e da desilusão de Quixote é o seu amor platônico por Dulcineia; é ele que move e alimenta seu desvario. Seria, portanto, a ruptura dessa ilusão que proporcionaria a cura para Alonso. No capítulo X (segunda parte) do livro, Quixote rompe o seu universo ficcional quando não consegue transformar a presente realidade. Para Auerbach (2011), este capítulo não representa a relação de Quixote com a realidade, mas sim, da sua “visão e adoração do ideal encarnado”. Tão sublime era o amor do heroico cavaleiro, que nenhuma realidade o representaria:

-Yo no veo, Sancho -dijo don Quijote-, sino a tres labradoras sobre tres borricos. [...] -Pues yo te digo, Sancho amigo -dijo don Quijote-, que es tan verdad que son borricos, o borricas, como yo soy don Quijote y tú Sancho Panza; a lo menos, a mí tales me parecen. (CERVANTES, 2004, p.619)

Para Auerbach (2011), Alonso e Quixote compartilham uma coexistência. Desse modo, diz o autor, “em dado momento, uma ideia fixa tomou conta de Alonso, porém, deixou livres partes de sua personalidade; assim, só quando sua ideia fixa entra em jogo é que ele é doido”, (p.311). Conclui então, que a sabedoria de Quixote não é a de um doido, mas sim de um homem com entendimento e censo equilibrado, ou seja, junto ao “aventureiro doido”, referindo-se a Quixote, Alonso faz-se presente em diversos momentos.

Essa questão envolve outro entendimento, como assegura Buxó (2008). Para ele, não

existiria esse dualismo distinguindo duas personalidades, para o autor, a loucura de Quixote “não se opõe à sabedoria e bondade de Alonso, nem é independente delas, e sim sua própria consequência e conclusão” (p.74),

Resultado de la exacerbación de su virtud y de su deseo compulsivo de proyectarla sobre el mundo; más aún, de ligar a ese mundo caótico e injusto a ordenarse de conformidad con el modelo racional de la suprema bondad. (BUXÓ, 2008, p.74).

Resultado de la exacerbación de su virtud y de su deseo compulsivo de proyectarla sobre el mundo; más aún, de ligar a ese mundo caótico e injusto a ordenarse de conformidad con el modelo racional de la suprema bondad. (BUXÓ, 2008, p.74).

No que diz respeito a Quixote, logo no primeiro capítulo do livro, fica claro o objetivo que ele tem de ser um cavaleiro segundo as regras e características que compunham suas leituras dos romances de cavalaria.

Auerbach e Buxó apresentam duas perspectivas opostas. Talvez toda essa questão merecesse um viés que levasse a pensar na possibilidade de que Quixote já existisse antes mesmo de se exteriorizar e de se caracterizar como cavaleiro – Alonso não secou o cérebro de uma hora para outra, bem como Quixote não se personificou subitamente –, pode ser, portanto, que ao longo de mais de dez anos de leitura aficionada em um único gênero literário, Quixote tivesse se desenvolvido lentamente e, ele mesmo (o personagem), de certa forma, tivesse lido esses romances. E então, em um dado momento, tivesse resolvido deixar de ser um mero leitor, um espectador de seu próprio universo, e se determinado a viver ativamente suas aventuras.

Isso explicaria, de certo modo, porque Quixote, quando surge algo em que a explicação somente seja encontrada através dos romances de cavalaria, se refere como se ele mesmo os tivesse lido:

Mira, Sancho: yo bien te señalaría salario, si hubiera hallado en alguna de las historias de los caballeros andantes ejemplo que me descubriese y mostrase, por algún pequeño resquicio, qué es lo que solían ganar cada mes, o cada año; pero yo he leído todas o las más de sus historias, y no me acuerdo haber leído que ningún caballero andante haya señalado conocido salario a su escudero. (CERVANTES, 2004, p.597).

Buscando confrontar ficção e realidade na obra de Cervantes, podem-se destacar os apontamentos de Mariela Szirko⁵ (1996), nos quais a autora afirma ser notória a influência de Huarte na elaboração do perfil psicológico que Cervantes faz do “ingenioso Hidalgo”. A obra cervantina apresenta diversos aspectos, tanto físicos como psicológicos, estabelecidos por San Juan em seus estudos.

5 Examen de ingenios para las ciencias por Juan Huarte de San Juan Contacto / correspondence: Vixit (ca. 1529–ca.1588) **Noticia preliminar, por Mariela Szirko**. *Electroneurobiología* 1996; 3 (2), pp. 1-322; URL<<http://electroneubio.secyt.gov.ar/index2.htm>>

Para Huarte de San Juan⁶ (1996), em seu *Examen de ingenios para las ciencias*, obra publicada em 1575, a memória, o entendimento e a imaginação são as três faculdades representacionais do psiquismo; bem como a saúde e vida do homem dependem da harmonia do calor, da frieza, da humidade e da secura. Dessa forma, relaciona o juízo à perfeita harmonia do corpo com sua perfeita temperatura. San Juan (1996), afirma que a memória depende da humidade; o entendimento, da secura; e a imaginação, do calor. O autor aponta ainda que a melancolia, por sua vez, apresenta uma variedade desses “*temperamentos*” e descreve os aspectos físicos que caracterizariam um melancólico:

Tienen el color del rostro verdinegro o cenizoso; los ojos muy encendidos (por los cuales se dijo: «Es hombre que tiene sangre en el ojo»); el cabello negro y calvos; las carnes pocas, ásperas y llenas de vello; las venas muy anchas. Son de muy buena conversación y afables, pero lujuriosos, soberbios, altivos, renegadores, astutos, doblados, injuriosos, y amigos de hacer mal y vengativos (...) (HUARTE, 1996, p.164).

Para Harald Bloom (2001), a questão da loucura na obra cervantina era a forma que permitiria, tanto a Cervantes como a Quixote, a liberdade para falar o que quisessem, como uma “*licença de bobo*” (p.129). Porém, afirma que “Quixote não é nem um bobo nem idiota, mas alguém que joga de cavaleiro andante” (p.133) e que, voluntariamente, se põe a um mundo e a tempo ideais, no qual se entrega de modo fiel à sua própria liberdade. Para Unamuno (apud BLOOM, 2001), o protagonista só encontra essa liberdade em seu exílio interno (p.133).

Bloom (2001) afirma que “Cervantes descreve Alonso como um simples caso de vida não vivida” (p.133). Para o autor, Quixote apresenta uma loucura *literária* e que ele se utiliza dessa “estratégia poética elaborada por outros antes dele.” (p.135). Como afirma Unamuno (apud BLOOM, 2001), a loucura de Quixote é a luta contra a morte, “o Cavaleiro da Triste Figura é um homem que busca a sobrevivência”. Pode-se assim pensar que esse herói cavaleiro desponta como uma antítese à renúncia de Alonso por sua própria existência. Assim, diz o autor – “Grandiosa era a loucura de Dom Quixote, e grandiosa porque grandiosa era a raiz de onde brotava: o inextinguível anseio de sobreviver, fonte das mais extravagantes loucuras, e também dos mais heroicos atos”. Aponta ainda que a “loucura de Quixote é uma recusa de Alonso em aceitar o que Freud chamava de teste da *realidade*”, ou princípio da realidade, o qual consiste em levar em consideração elementos antagônicos sociais, tais como: “eu e os outros, a vida individual e a vida coletiva, a escassez e a saciedade, etc.” Desse modo, ao não aceitar esse princípio, ele se isenta de reconhecer o mundo real e de ter responsabilidade de suas próprias ações. Diz o autor: “quando Dom Quixote faz as pazes com

6 Huarte de San Juan (San Juan Pie de Puerto, 1529 - Linares, 1588), psicólogo, médico e filósofo español. Escreveu o famoso “Examen de ingenios para las ciencias”. Obra precursora de três ciências: a psicologia diferencial, a orientação profissional e a eugenia. Também faz interessantes apontamentos a Neurologia, Pedagogia, Antropologia, Patologia y Sociologia. Nela se propõe a melhorar a sociedade selecionando a instrução adequada a cada pessoa segundo as aptidões físicas e intelectuais derivadas constituições física e neurológica específicas de cada um. Embora expurgado nas primeiras edições pela Inquisição na Espanha, teve inúmeras edições por toda a Europa e ainda foi considerada por Noam Chomsky como uma obra precursora, dentre outras, da teoria gerativa. (Verba Juris ano 5, n. 5, jan./dez. 2006).

a necessidade de morrer, morre logo, retornando assim a um cristianismo concebido como o culto da morte.” (BLOOM, 2001, p.130).

Alonso isentou-se do princípio da realidade e, para tanto, deu vida a Quixote. Tornando esse idealismo ficcional a sua própria razão de viver, ao término de toda uma trajetória, ao perceber que no mundo e na sociedade não havia lugar para seu ideal de justiça, abdicou de sua utopia quixotesca. Ao matar, literariamente, a Quixote, Alonso perde o seu sentido existencial e morre.

Todas as questões, aqui apontadas, tanto no contexto dos fatos históricos quanto na obra de Cervantes, ainda não dão conta para se afirmar a exata profundidade ou extensão no que se refere à loucura de Alonso e Quixote. É uma tarefa difícil delinear onde termina um e começa o outro: para Auerbach (2011), Alonso e Quixote compartilham uma coexistência, dado os momentos de provável lucidez do protagonista; já para Buxó (2008), não existiriam duas personalidades interagindo e sim a própria consequência e conclusão do idealismo de Quixote; entretanto, para Bloom (2001), a loucura seria uma estratégia para possibilitar a liberdade de expressão, e que, voluntariamente, Quixote faz o “jogo de cavaleiro andante”; e para Unamuno (apud BLOOM, 2001), as extravagantes loucuras e atos heroicos do protagonista estariam em seu “inextinguível anseio de sobreviver”. Com pontos de vista distintos, os autores apresentam perspectivas diferentes no que se refere a loucura dos personagens. Entretanto, apesar de evidente a coexistência, esses autores não determinam um dado momento em que os protagonistas interagem de modo concomitante, ou seja, quando em uma mesma ação, um se interpõe ao outro.

Talvez o paradigma da loucura entre Alonso e Quixote possa ser compreendido pela não aceitação ao “Princípio da Realidade”, o qual, segundo Freud, “consiste em dar conta das exigências do mundo real e das consequências dos próprios atos”. Alonso foge desse princípio quando se entrega obcecadamente às leituras dos Romances de Cavalaria; e Quixote quando nega a realidade, transformando o real em ficcional. Ambos se afastaram da realidade que não lhes era satisfatória. Desse modo, tanto Alonso como Quixote, buscando sobreviver, criam uma realidade literária e paralela às suas próprias vidas.

Precisar a fronteira entre Alonso e Quixote, ou até mesmo onde ambos se mesclam e interagem em cumplicidade, permanece sendo uma tarefa com inúmeras possibilidades de estudos, análises e reflexões dentre todo esse imaginário utópico.

A grandiosidade da obra prima de Saavedra, a enigmática utopia desse universo cervantino requer, até hoje, de respostas. Apesar dos inúmeros trabalhos críticos, as indagações sobre os mais distintos aspectos, seus personagens, seus discursos, enfim, bem como de toda a obra em si, proporcionam infinitas possibilidades de análises que permeiem vieses ainda não explorados ou até mesmo visões críticas diferenciadas desse literário quixotesco. Decifrar Don Quixote continua exigindo um grande fôlego crítico-literário.

FONTES BIBLIOGRÁFICAS

AUERBACH, Erich. “Mimesis”: a representação da realidade na literatura ocidental. *A Dulcineia Encantada*. São Paulo: Perspectiva, 2011. p. 299-320.

BLOOM, Harold. *O cânone ocidental: os livros e a escola do tempo. Cervantes: O Jogo do Mundo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. (p. 128-145).

BUXÓ, José Pascual. La Soledad de Don Quijote. *Revista de Estudios Cervantinos*, Nº 5, Febrero-marzo, 2008. Disponível em: <www.estudioscervantinos.org> Acesso em: 02/03/13

CERVANTES SAAVEDRA, Miguel. *Don Quijote de la Mancha*, Edición del IV Centenario. España: Real Academia Española, 2004.

ERASMO, Desidério. 1467-1536. *Elogio da Loucura*. Porto Alegre: L&PM, 2011.

FOUCAUL, Miguel. *História da Loucura na Idade Clássica*, 5ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1997.

HUARTE de San Juan. *Examen de ingenios para las ciencias*. Disponível em: <[Http://electroneubio.secyt.gov.ar/Juan_Huarte_de_San_Juan_Examen_de_ingenios.htm](http://electroneubio.secyt.gov.ar/Juan_Huarte_de_San_Juan_Examen_de_ingenios.htm)> Acesso em: 02/03/13.

